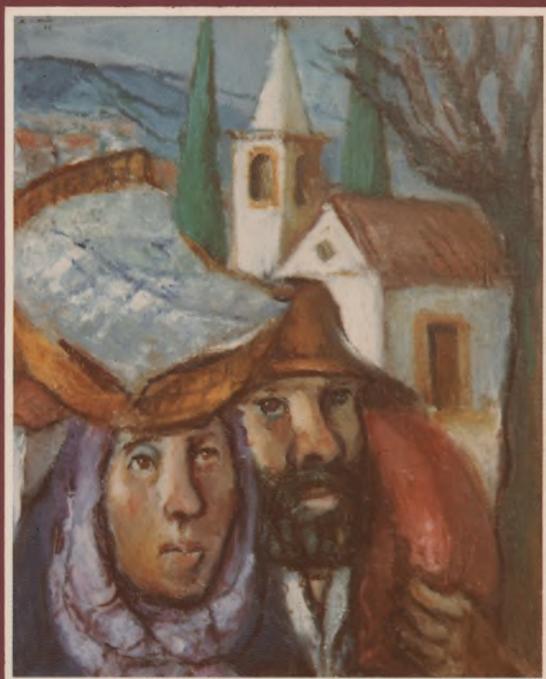


REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 16

DO ESTADO NOVO AO 25 DE ABRIL



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1994

SALAZARISMO, ALEMANHA E EUROPA

Discursos políticos e culturais **

1. Um dos problemas que tem sido discutido, por vezes de uma forma excessivamente teórica, é a questão de saber se o "Salazarismo" (termo de sentido essencialmente político-cultural, ideológico e mental) ou o "Estado Novo" (conceito que tem uma configuração mais de tipo político-institucional) podem e devem ser definidos como uma forma de "Fascismo"¹). O problema, de resto, não tem uma dimensão localizada, mas uma aceção mais lata — discute-se também, por exemplo, se o conceito pode ser aplicado com relativo rigor ao caso espanhol do "Franquismo" ou

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

** Este texto vem na sequência de um outro estudo por nós realizado e que pode ser consultado, para melhor se entender as ideias nele expostas: "Salazarismo, Fascismo e Europa", *Vértice*, Jan.-Fev. 1993, pp. 41-52 (reeditado recentemente pelo *Boletim da Associação de Professores de História*). Numa primeira versão foi apresentado no Terceiro Diálogo Luso-Alemão (*Drittes portugiesisch-deutsches Arbeitsgespräch*), realizado em Banz (Bamberg), de 10 a 14 de Outubro de 1993, em cujas actas vai ser editado. Em certa medida teve sequência num outro texto, apresentado em Los Angeles, no *XVII Symposium on Portuguese Traditions*, realizado em 23-24 de Abril de 1994, intitulado "Salazarismo, Europa e América", a ser publicado na revista luso-americana *Encruzilhadas/Crossroads*.

(*) Sobre o tema cf. a recente obra de António Costa Pinto, *O Salazarismo e o Fascismo europeu. Problemas de interpretação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Estampa, 1992.

se o Nazismo é urna forma de Fascismo ou, pelo contrário, se o conceito de Fascismo deve ser utilizado apenas para o caso específico da Itália mussoliniana⁽²⁾.

Não levantamos o problema para urna vez mais o discutir. Já dissemos em mais de um artigo que esta questão, apesar do seu inegável valor e significado, precisa de ser congelada e voltar sim a ser discutida, relativamente ao caso português, só depois de se terem realizado várias pesquisas sobre o pensamento, a ideologia e a prática salazaristas, e sobre as realidades do Estado Novo⁽³⁾. Se voltamos a falar dela é porque nos parece importante partir desta aporia para entendermos o sentido da nossa reflexão sobre as relações do Salazarismo com a Alemanha, nomeadamente com a Alemanha nazi, ou com o Fascismo italiano, bem como acerca das relações do Salazarismo com a(s) ideia(s) de Europa.

2.Na verdade, uma das razões por que se pretende — quer ao nível da interpretação ideológica, quer mesmo ao nível da interpretação historiográfica ou politológica — dar ao Salazarismo e ao Estado Novo uma dimensão própria, não confundível com o "Fascismo" ou com alguma forma de Fascismo, é o facto de se constatar que a sua matriz cultural resulta essencialmente de uma concepção ético-política de "democracia cristã", de inversão integrista e conservadora, e de tipo "catedrático", embora entrelaçada (pelo menos inicialmente) com elementos de vanguardismo e populismo cultural e político, e não de uma matriz "socialista" e "de pragmatismo político", que brota espontaneamente da força popular mas que é controlada pela autoridade e pela sabedoria prática de um "Chefe". Este facto foi observado por várias tendências logo que o Salazarismo e o Estado Novo começaram a emergir e foi assumido pelo próprio Salazar.

(2) Foi esta última posição a assumida pelo grande especialista do Fascismo italiano Renzo de Felice. Em recente obra, esta posição foi discutida por Enzo Collotti, que entendeu ser legítimo utilizar cientificamente o conceito de forma abrangente. *Vide Fascismo, Fascismos*, trad. port, da ed. italiana de 1989, Lisboa, Caminho, 1992.

(3) Ver o que escrevemos nos artigos "Salazarismo, Fascismo e Europa", *Vértice*, Jan.-Fev. 1993, e "Sobre a história do Estado Novo. Fontes, bibliografia, áreas de abordagem e problemas metodológicos", *Revista de História das Ideias*, n.º. 14, Coimbra, Faculdade de Letras, 1992.

Rolão Preto, o líder do Nacional-Sindicalismo⁽⁴⁾, aquele que esteve mais próximo do Fascismo e do Nazismo, não deixou de tecer muito cedo algumas considerações críticas relativamente a Salazar, que não o figuravam com o modelo do "Chefe"⁽⁵⁾. E o próprio estadista português, ao colocar-se perante o Fascismo de Mussolini, dizia, na sua célebre entrevista a António Ferro de 1932: "A nossa Ditadura aproxima-se, evidentemente, da Ditadura fascista no reforço da autoridade, na guerra declarada a certos princípios da democracia, no seu carácter acentuadamente nacionalista, nas suas preocupações de ordem social. Afasta-se, nos seus processos de renovação. A ditadura fascista tende para um cesarismo pagão, para um estado novo que não conhece limitações de ordem jurídica ou moral, que marcha para o seu fim, sem encontrar embaraços ou obstáculos"⁽⁶⁾.

E esta diferenciação entre um "autoritarismo ético" e um "autoritarismo amoral e maquiavélico" constituiu a pedra de toque de toda a caracterização do sistema salazarista, apresentada por Salazar e pelos seus seguidores. Dizia ele também, em 26 de Maio de 1934, no I.º Congresso da União Nacional: "Sem dúvida se encontram, por esse mundo, sistemas políticos com os quais tem semelhanças, pontos de contacto, o nacionalismo português — aliás quase só restritos à ideia corporativa. Mas no processo de realização e sobretudo na concepção do Estado e na organização do apoio político e civil do governo são bem marcadas as diferenças. Um dia se reconhecerá ser Portugal dirigido por sistema original, próprio da sua história e da sua geografia, que tão diversas são de todas as outras, e desejávamos se compreendesse bem não termos posto de lado os erros e vícios do falso liberalismo e da falsa democracia

(4) Sobre Rolão Preto, os "camisas azuis" e os movimentos fascistas portugueses, ver a recente obra de Costa Pinto, *Os camisas azuis. Ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal. 1914-1945*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.

(5) Ver sobretudo *Salazar e a sua época. Comentário às entrevistas do actual chefe do governo com o jornalista António Ferro, s.l., Janeiro 1933*.

(6) António Ferro, *Salazar. O homem e a sua obra*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1933, pp. 73-74. De Mussolini, que Salazar apreciava a ponto de se lhe conhecer uma fotografia em que o retrato do *Duce* se encontra na sua mesa de trabalho, diz explicitamente a Ferro: "Mussolini, digo eu, é um grande homem mas não se é impunemente da terra de César e de Maquiavel..." (p. 75).

para abraçarmos outros que podem ser ainda maiores, mas antes para reorganizar e robustecer o País com os princípios de autoridade, de ordem, de tradição nacional, conciliados com aquelas verdades eternas que são, felizmente, património da humanidade e apanágio da civilização cristã"(7).

Por sua vez, os intelectuais e os historiadores hesitam na caracterização do Salazarismo. Se em 1935, o professor e grande pensador espanhol Miguel Unamuno, depois de ter visitado Portugal, lhe chamava — numa terminologia feliz — "fascismo de cátedra"(8), em tempo próximo, quando se iniciou o estudo do Salazarismo e do Estado Novo em perspectivas historiográficas, politológicas e sociológicas, sentiu-se quase sempre a necessidade de o definir de maneira própria. Manuel de Lucena utilizou a expressão, que quase se tornou clássica, de "fascismo sem movimento fascista"(9), ao passo que Manuel Braga da Cruz, indo mais longe, recusou o termo, designando o Salazarismo apenas como "autoritarismo conservador e integracionista"(10).

3. Portanto, Salazar afastava-se, teoricamente, desde o início do seu governo, de práticas de Estado de tipo totalitário — "[...] é preciso afastar de nós o impulso tendente à formação do que poderia chamar-se o Estado totalitário", afirmava também ele no mesmo

O "O Estado Novo português na evolução política europeia", discurso proferido na sessão inaugural do I.º Congresso da União Nacional, na Sala Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa, em 26 de Maio de 1934, in *Discursos*, vol. I, Coimbra, Coimbra Editora, 1935, pp. 334-335.

(8) "Y nada mejor que llamar fajismo de cátedra — pedagógico y dotrinario — al que informa el actual régimen político portugués. La dictadura del nucleo que representa Oliveira Salazar es una dictadura académico-castrense o, si se quiere, bélico-escolástica. Dictadura de generales — o coroneles — y de catedráticos, con alguna que otra gota eclesiástica. No mucha, a pesar que el cardenal patriarca Cerejeira fué compañero de casa de Salazar y, como éste, también catedrático. Eclesiástico-catedrático, lo mismo que otros militares catedráticos" ("Comentario. Nueva vuelta a Portugal", *Ahora*, Madrid, 3.7.1935).

(9) *A evolução do sistema corporativo português*, vol. I, "O Salazarismo", Lisboa, Perspectivas e Realidades, 1976, p. 25 ss.

(10) *O Partido e o Estado no Salazarismo*, Lisboa, Presença, 1988, sobretudo p. 251 ss.

discurso de 26 de Maio de 1934⁽ⁿ⁾ — manifestando, sem dúvida, embora de forma implícita, as suas reservas em relação ao Fascismo de Mussolini, instalada na Itália desde os anos 20, e muito mais ao Nazismo de Hitler, que ocupava o poder ao mesmo tempo que se organizava o Estado Novo, mas também querendo por certo visar o movimento nacional-sindicalista português, que poderia transformar-se (como, de resto, sucedeu) em oposição de "direita" ao Estado Novo. Isto, porém, não significava que não pudesse sentir algumas simpatias e compreensões pelos movimentos italiano e alemão. Mas, se em relação à Itália e a Mussolini — por quem nutre uma expressa simpatia e a quem chama "génio político"⁽¹²⁾ — revela um inegável interesse, ainda que partindo sempre da ideia, apresentada pelo próprio *Duce*, que o "fascismo é um produto típico italiano", impossível de transplantar⁽¹³⁾, relativamente à Alemanha somente procura compreender, em termos de xadrez político internacional, o seu regime, e mesmo a defesa do seu prestígio e até a sua ânsia expansionista, provocada pelo injusto tratado de Versalhes, sem nunca — que se saiba — ter dirigido em relação ao *Führer* qualquer elogio especial.

O¹⁾ Discurso in *ob. e vol. cit.*, p. 336. E também, no mesmo discurso, afirmava com muita clareza: "O nacionalismo do Estado Novo não é nem poderá ser nunca uma doutrina de isolamento agressivo — ideológico ou político — porque se integra, como afinal toda a nossa história, na vida e na obra de cooperação amigável com os outros povos. Consideramo-lo tão afastado do liberalismo individualista, nascido no estrangeiro, e do internacionalismo de esquerda como de outros sistemas teóricos e práticos aparecidos lá fora como reacção contra eles" (pp. 333-334).

(12) "Preocupação da paz e preocupação da vida", discurso proferido na Emissora Nacional, no encerramento da campanha eleitoral para a nova Assembleia Nacional, em 27 de Outubro de 1938, *Discursos*, HI, p. 105. Salazar pronunciava-se no contexto da conferência de Munique (29 de Setembro de 1938), na qual a Alemanha reforçou as suas posições na Europa, ocupando os Sudetas, adiando-se, assim, o grande conflito. Salazar elogia Chamberlain, "a quem — no seu dizer — o Chefe do Governo italiano deve ter dado a colaboração decisiva do seu génio político".

(13) Na célebre e já citada entrevista a António Ferro, Salazar afirmava, citando Mussolini: "O seu caso [o da Itália de Mussolini] é, portanto, um caso admirável, único, mas um caso nacional. Ele próprio o disse: 'O fascismo é um produto típico italiano como o bolchevismo é um produto russo. Nem um nem outro podem transplantar-se e viver fora da sua natural origem'" (A. Ferro, *ob. cit.*, p. 74).

Assim, num famoso discurso proferido na Emissora Nacional, no encerramento da campanha eleitoral para constituição da nova Assembleia, em 27 de Outubro de 1938, poucos dias depois da conferência de Munique (29-30 de Setembro), que ditou a anexação dos Sudetas pela Alemanha, dizia Salazar, depois de se referir a Versalhes como "a fonte do mal-estar europeu":

"Se pois é estranho pretender que aos países vencidos na Grande Guerra nenhuma imposição se deveria fazer, é insensato supor que a Alemanha poderia indefinidamente resignar-se a viver numa espécie de menoridade que violentava a sua consciência nacional e, a ser possível, privaria em qualquer caso a Europa da extraordinária capacidade de organização e de trabalho de muitas dezenas de milhões de homens superiormente apetrechados e cultos.

Assim aconteceu que as mesmas razões que impeliram a Alemanha para o regime que consubstanciava, senão a reivindita, ao menos a unidade, a plenitude da soberania e a recuperação da anterior grandeza, levaram a política europeia a enrodilhar-se impensadamente na aversão ao sistema político, a tentar isolá-lo e a criar barreiras ideológicas que já não coincidiam com os interesses aliados e não tinham mesmo lógica desde que as "grandes democracias" se vangloriavam da contribuição soviética. A Alemanha, embora com algum exagero, encarnou então o papel de perseguida, levou a extremos o sistema económico e financeiro que poderia dar-lhe a maior soma de disponibilidades para gastos improdutivos e criou um imenso poderio militar que em plena paz lhe permitiu alargar as fronteiras do Império"⁽¹⁴⁾.

Em relação a Munique⁽¹⁵⁾, Salazar afirmava, ainda com alguma esperança, que dali tinha saído "senão uma nova Europa, ao menos as perspectivas de uma Europa muito diferente"⁽¹⁶⁾.

Perante os graves problemas do Continente, prestes a esfacelar-se na guerra, Salazar esperava, pois, as consequências do efeito benéfico do novo equilíbrio de forças que aparentava surgir e, se manifestava alguma desconfiança sobre as tendências do

(u) "Preocupação da paz e preocupação da vida", discurso proferido na Emissora Nacional, no encerramento da campanha eleitoral para a nova Assembleia Nacional, em 27 de Outubro de 1938, *Discursos*, III, p. 106 ss.

(15) Em relação a Munique e para confrontar esta reflexão, veja-se no próximo número desta revista o artigo de Alberto Pena Rodríguez, "La propaganda de Salazar y la crisis de Munich".

(16) *Idem*, p. 110.

totalitarismo alemão, afirmava também a sua discordância de princípio contra as democracias políticas e, sobretudo, acentuava o seu desacordo em relação à sua posição quanto à Alemanha e à permeabilidade delas ao comunismo. E era este um dos pontos por que, ao invés, o Salazarismo nutria simpatia pela Itália e pelo *Reich*, que procuravam criar um cordão sanitário contra o bolchevismo, o qual, nessa altura, o Estado Novo português imaginava às suas portas na vizinha Espanha e cuja destruição constituía para ele uma verdadeira obsessão. Mesmo depois da guerra civil de Espanha e já no teatro da 2ª. Grande Guerra, Salazar dizia, em plena Assembleia Nacional: "[...] nós que nos afirmamos por um lado anti-comunistas e por outro anti-democratas e anti-liberais, autoritários e intervencionistas^..]"^(17). E afirmações deste tipo continuarão a ser expressas ao longo do seu consulado, sobretudo em momento de " revivescência" do sistema e das suas formas repressivas.

Havia, pois, apesar da diferença de estruturas políticas, uma maior coincidência de princípios e de práticas entre o Salazarismo, por um lado, e o Fascismo e o Nazismo, por outro, do que entre aquele e as "grandes democracias" da Europa. O corporativismo, o nacionalismo e o autoritarismo constituíam as doutrinas comuns entre os primeiros três sistemas — e tanto Salazar, como Mussolini e Hitler criaram, à sua maneira, embora o caso português tenha neste ponto uma grande especificidade, um verdadeiro autoritarismo carismático. E eram também comuns aos três regimes a sua oposição sistemática ao comunismo, ao liberalismo e à democracia política. O comunismo era considerado um novo perigo para Europa e para o mundo, e o liberalismo e a democracia eram julgados como sistemas velhos, em vias de desaparecimento, e também perigosos pela sua permeabilidade ao bolchevismo.

Portanto, dir-se-á que, no contexto bélico, a política de neutralidade⁽¹⁸⁾ que Salazar assumiu assentava em aspectos de

(17) Discurso proferido na Assembleia Nacional, em 25 de Maio de 1940, durante a sessão em que a câmara aprovou a Concordata e o Acordo Missionário, assinados no Vaticano em 7 de Maio anterior, in *Discursos*, vol. III, Coimbra, Coimbra Editora, s. d., p. 236.

(18) Sobre a questão da neutralidade de Portugal, durante a II Guerra, de que falaremos um pouco mais, vide o recente livro de Luís Vieira de Andrade, prefaciado por Adriano Moreira, *Neutralidade colaborante. O caso de Portugal na Segunda Guerra Mundial*, Ponta Delgada, 1993.

natureza estratégica — e a história narrativa da posição de Portugal no contexto da guerra merece ser analisada, com as devidas ressalvas, na obra de um homem que viveu de perto a política de negócios estrangeiros do Estado Novo, Franco Nogueira⁽¹⁹⁾, e de uma forma interpretativa no livro do historiador que melhor tem estudado o tema, António José Telo⁽²⁰⁾ — mas também em princípios que defendeu e que o levaram sempre a recusar-se a aceitar que alguma vez a União Soviética pudesse vir em defesa do Ocidente e da Europa⁽²¹⁾, "Europa" esta que, como veremos é, para ele, mais um património cultural do que uma entidade geográfica e política. Se depois da guerra veio oficialmente justificar uma "neutralidade colaborante"⁽²²⁾, colaborante com os aliados, o que foi efectivamente um facto desde a cedência da base dos Açores, o certo é que não podemos dizer que essa "neutralidade colaborante", ditada em grande parte pela Aliança Inglesa e pelo pendor que começava a ter a guerra depois de 1942, tinha atrás de si uma adesão profunda aos princípios de natureza política dos aliados.

A prova disso é, aliás, o pensamento que afirmou logo em 1945, após a guerra, altura em que, ao invés de defender ideais de abertura política em direcção à democracia, falava sim, receoso, do "vento da democracia" e da "gravidade das contradições e dos equívocos em que a Europa se debate", afirmando mesmo, na sua obsessão anticomunista e antidemocrática: "Para mim creio que o pensamento político europeu, no sentido de revisão objectiva, à luz da razão e da experiência, dos princípios que devem reger a

⁽¹⁹⁾ Vide Salazar, vol. EI, 3ª. ed., Porto, Livraria Civilização, 1986, e *História de Portugal*, II Suplemento, Porto, Livraria Civilização, 1981, cap. III

⁽²⁰⁾ *Portugal na Segunda Guerra (1941-1945)*, 2 vols., Lisboa, Vega, 1991.

⁽²¹⁾ "Europa em guerra. Repercussão nos problemas nacionais", discurso proferido na Assembleia Nacional, em 9 de Outubro de 1939, durante a sessão em que a Câmara se congratulou pela viagem do Chefe do Estado à África portuguesa, *Discursos*, Et, p. 185.

⁽²²⁾ Essa tese, que Salazar expendeu, foi concretamente exposta e justificada por Luiz Teixeira, *Portugal e a guerra. Neutralidade colaborante*, Lisboa, 1945. Mas, também a obra oficial *Dez anos de Política Externa*, que contém muitos documentos político-diplomáticos escritos no contexto da Guerra, foi publicada para comprovar esta posição política. Aliás, o seu título completo é sintomático: *Dez anos de Política Externa. 1936-1947. A Nação Portuguesa e a Segunda Guerra Mundial*.

organização e o governo das nações, acusa um nítido recuo, isto é, um retrocesso"⁽²³⁾.

Desta forma, Salazar, que procurava justificar o Estado Novo corporativo como a verdadeira "democracia social"⁽²⁴⁾, matava à nascença as possibilidades ainda esperadas de formação de uma democracia política que, se alguma vez apareceu no seu espírito, ao falar de "eleições livres" — "tão livres como na livre Inglaterra" —, seria pensada em termos de um bipartidismo "dentro do sistema", um pouco à maneira do bipartidismo britânico ou americano.

E é para a América que se volta, abrindo, assim, geograficamente a ideia de "Ocidente" ou, concretamente, de "Europa", entendida — conforme dizíamos — como vago património cultural, feito de valores éticos e políticos conservadores, mas também de conceitos de estratégia anticomunista e de defesa de princípios coloniais, vistos como elementos de "civilização cristã" espalhados entre os "povos selvagens"⁽²⁵⁾. "O centro de gravidade da política europeia [...] — dizia num discurso proferido em 1946 —, senão da política mundial, deslocou-se mais ainda para oeste e situou no primeiro plano o Atlântico, com os estados que o rodeiam. Em reconhecê-lo não deixamos de ser europeus; o que damos é mais largo sentido ao Ocidente"⁽²⁶⁾.

(23) "Votar é um grande dever", discurso proferido numa das salas da biblioteca da Assembleia Nacional em 7 de Outubro de 1945, *Discursos*, IV, p. 175.

(24) "Portugal, a guerra e a paz", discurso proferido em sessão da Assembleia Nacional de 18 de Maio de 1945, *Discursos*, IV, nomeadamente pp. 119-120. Ali se pode ler esta curiosa afirmação: "Eu não quero forçar conclusões, mas, se a democracia pode ter, para além do seu significado político, significado e alcance social, então os verdadeiros democratas somos nós".

^{f25}) Esta ideia colonialista foi praticamente sempre afirmada por Salazar, mesmo quando o regime iniciou uma operação cosmética que o levou a apelidar as "colónias" de "províncias ultramarinas". Ainda em 1957 afirmava: "Nós cremos que há raças, decadentes ou atrasadas, como se queira, em relação às quais perfilhámos o dever de chamá-las à civilização[...]" ("A atmosfera mundial e os problemas nacionais", discurso proferido em 1 de Novembro de 1957, ao microfone da Emissora Nacional, *Discursos*, V, p. 427).

(^f) "Ideias falsas e palavras vãs (Reflexões sobre o último acto eleitoral)", discurso proferido na reunião das comissões dirigentes da União Nacional,

Neste contexto ideológico e estratégico⁽²⁷⁾, Portugal que — valendo-se do plano militar e económico americano para a Europa, do "macarthismo" e da "guerra fria" — esteve na OTAN, desde o seu início (1949), e que esteve na OECE, no seguimento do Plano Marshall (1947)⁽²⁸⁾, conseguiu entrar também para a ONU em 1955 e alcançou mesmo, de início, o apoio (embora cauteloso) dos Estados Unidos e da velha aliada Inglaterra na luta colonial, que se iniciou nos anos 50 na Índia, mas que se travou sobretudo nos anos 60 e 70, na Índia de forma fulminante e em África de forma lenta e dramática. Porém, os anos 60 são já anos de isolamento, que culminam com a confissão da solidão portuguesa no contexto mundial. Num famoso discurso de Salazar, proferido em 1965, podiam ouvir-se frases que ficaram no imaginário trágico de todos os portugueses que viveram na época salazarista: "Hitler prometia com a sua vitória a paz para mil anos; perdida a guerra, veio prometé-la a ONU, tanto no seu ideário como no jogo das suas engrenagens, para prazo indefinido. Pois está sendo difícil encontrar lugar na terra onde não alastrem guerras e conflitos de toda a ordem. Ou não soubemos estabelecer e garantir a paz ou estamos equivocados quando a pensamos para sempre possível entre os homens e as Nações". Era a justificação para as dificuldades que Portugal sentia cada vez mais na estratégia internacional. E Salazar, qual cavaleiro andante, ou "cavaleiro da triste figura", confessava-se como combatente de uma luta solitária pela civilização: "Eis o ganho positivo desta batalha em que — os portugueses europeus e africanos — combatemos sem espectáculo e sem alianças, orgulhosamente sós"⁽²⁹⁾. * I

realizada em 23 de Fevereiro de 1946, numa sala da biblioteca da Assembleia Nacional, *Discursos*, IV, pp. 211-212.

^{I27)} Sobre este contexto, *vide* as sínteses na obra coordenada por Fernando Rosas, *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Lisboa, Presença, 1992, vol. XII da "Nova História de Portugal" (direcção de Joel Serrão e A. H. Oliveira Marques), nomeadamente o capítulo "A evolução política", da autoria de César Oliveira.

^{i2*)} *Vide* o recente livro de Fernanda Rollo, *Portugal e o Plano Marshall*, Lisboa, Estampa, 1994.

(») "E_{rr}os e fracassos da era política", discurso proferido na posse da Comissão Executiva da União Nacional, em 18 de Fevereiro de 1965, *Discursos*, VI, pp. 258 e 268.

Os Estados Unidos — entendidos por Salazar, durante algum tempo (*contra natura*, diga-se, tendo em conta as críticas que sempre os tradicionalistas como Salazar moveram aos seus valores economicistas⁽³⁰⁾), como os salvadores dos valores do velho continente, abandonavam-nos e a ONU tomava posições que não eram cada vez mais desfavoráveis. Entretanto, construía-se, sobretudo a partir de 1957, com o tratado de Roma, a CEE, a "outra Europa", que, na verdade, nada tinha a ver com a Europa pensada por Salazar e que se poderia vir a transformar numa espécie de Estados Unidos da Europa, "utopia" ou "ilusão"⁽³¹⁾ que desde 1936 Salazar repudiava. No processo europeu interessava-o, porém, a reconstituição da Alemanha, de novo entendida como o tampão contra a invasão soviética. Numa entrevista a *Le Figaro* de 1958 afirmava por isso, depois de classificar Adenauer como "um homem extraordinário": "A Alemanha unificada seria uma barreira quase intransponível. Se a Alemanha não existisse era necessário inventá-la. O germano é tradicionalmente o escudo da Europa perante a pressão eslava"⁽³²⁾.

A lógica do sistema salazarista mantém-se numa coerência implacável. A Rússia era — para ele, como para todos os ideólogos da sua geração, parafraseando Gonzague de Reynold, que tanta influência teve entre os tradicionalistas portugueses⁽³³⁾) — uma espécie de "anti-Europa". Por isso a Alemanha era importante, quer a Alemanha unificada por que lutaram desde o pós-guerra as forças *VI,

(³⁰) Vide sobre este tema o nosso artigo, já citado, "Salazarismo, Europa e América".

(³¹) "Independência da política nacional", discurso proferido numa das salas de São Bento, em reunião particular de deputados, em 21 de Fevereiro de 1936, *Discursos*, D, p. 117

(³²) "Panorama da política mundial", entrevista ao jornalista francês Serge Groussard, publicada no jornal *Le Figaro*, de 2 e 3 de Setembro de 1958, *Discursos*, VI, p. 6.

(³³) Teve particular impacto em Portugal a obra do suíço Gonzague de Reynold, pensador tradicionalista e católico, que escreveu vários textos sobre a Europa e que participou em congressos realizados em Itália sobre o tema. Correu aqui e suscitou vários comentários e citações o livro de 1935 *U Europe tragique*. Mas também a obra *Qu'est-ce que l'Europe*, publicada em Friburgo em 1941, teve o seu impacto, a ponto de se escrever sobre ela um comentário na revista *Biblos*, da Faculdade de Letras de Coimbra, da autoria de Serras e Silva ("O que é a Europa", *Biblos*, vol. XVII, tomo II, 1941, pp. 515-543).

democráticas até à queda do muro de Berlim, que Salazar já não viu, quer a Alemanha nazi de Adolf Hitler, que os aliados procuraram e conseguiram destruir, o que Salazar terá visto com certa angústia, não pela simpatia, que decerto não teve, por Hitler, mas pelo seu papel histórico na "defesa do Ocidente".

4. Falámos até este momento sobretudo de Salazar. Mas se ele é o centro do Salazarismo e do Estado Novo, rigorosamente não se pode identificar com eles. Por mais força que tenha tido este homem, ele só foi possível devido a um forte movimento social. Poderá dizer-se que na formação do Estado Novo não há, como na Itália e na Alemanha, um verdadeiro *élan* popular, um partido de massas que cria a imagem de um Chefe e o lança para o poder. Salazar apareceu lenta e eficazmente, impondo-se de cima para baixo. Todavia, também é certo que ele surgiu num contexto idêntico, embora diferente, de outros países. Ele só foi possível porque houve valores que se apresentaram com todas as potencialidades, um pouco por toda a Europa e por todo o mundo. Como se sabe, o descrédito da democracia política e do liberalismo e a crise económica e financeira foram comuns no tempo. Daí que Salazar, como outros políticos de então, entendesse que o momento era das ditaduras, embora em processo para regimes mais estruturados, em cuja organização era fundamental o corporativismo. Daí as suas palavras proferidas no já referido discurso de 1934, no I Congresso da União Nacional: "As ditaduras não me parecem ser hoje parêntesis dum regime, mas elas próprias um regime, senão perfeitamente constituído, um regime em formação. Terão perdido o seu tempo os que voltarem atrás, assim como talvez também o percam os que nelas supuserem encontrar a suma sabedoria política"³⁴).

O anticomunismo, o antiliberalismo, o antidemocratismo, o autoritarismo, o nacionalismo, o corporativismo faziam parte de um património ideológico comum, onde se encontraram monárquicos e republicanos "convertidos", integralistas, católicos sociais, nacionais-sindicalistas, nacionalistas de várias tendências... Daí o aparecimento de Salazar. E daí também que tenha de se pensar o Salazarismo em função das várias correntes de pensamento,

(^u) Discurso cit., *Discursos*, I, p. 346.

algumas das quais, se não eram ou acabaram por não ser concordantes com o seu ideário e a sua prática, concorreram, até certo ponto, para a força da sua personalidade política e da sua acção. Através da análise das suas atitudes e das suas manifestações de ideias conseguimos até clarificar melhor o sentido do Salazarismo, porque, se Salazar teve de ser o homem de Estado que pauta as suas afirmações por razões estratégicas, aqueles que não pertenceram ao aparelho ou que dele participaram somente nos tempos iniciais, menos comprometidos com um rumo determinado de acção, ou que a ele vieram a pertencer depois de despirem a camisa de pensadores mais livres, dão-nos conta com maior transparência das linhas de rumo que então apareciam no horizonte das concepções políticas.

Vejamos, pois, como esses homens viram o Estado, as realidades internacionais e concretamente como é que eles se colocaram perante o Fascismo e o Nazismo.

O partido nacional-sindicalista que tinha à frente Rolão Preto⁽³⁵⁾ e que procurou ligar entre si todos os nacionalistas, monárquicos ou "republicanos", foi talvez o movimento que acompanhou mais precocemente e com maior entusiasmo a primeira vitória nazi.

Em 26 de Abril de 1932, no jornal *Revolução*, que dirigirá a partir de 28 de Maio, Rolão Preto, prevendo a apoteose nacional-socialista, cita Hitler e saúda épica e o movimento que se levanta: "Ilumina-se duma claridade nova a noite alemã, uma bandeira se ergue no quadrado da mocidade germânica: — O Nacionalismo, um homem levantou a sua voz acordando os ecos o velho instinto do Império. Hitler". Em 1 de Agosto de 32, um dia depois do sucesso eleitoral de Hitler, escrevia o jornal, agora já dirigido por Rolão Preto, num editorial curiosamente intitulado — numa posição populista e "revolucionária", própria do movimento nacional-sindicalista — "Eleições na Alemanha. Aviso aos ricos": "Foi reduzido, é certo, o avanço bolchevista na Alemanha, mas isso apenas se deve à acção encarniçada da parte do nacionalismo integral de Hitler a quem se deve ter-se neutralizado a grande ofensiva

(³⁵) Sobre Rolão Preto, *vide* a citada obra de António da Costa Pinto, *Os camisas azuis*.

de Moscou". E, a seguir, saudando o Fascismo e o Nazismo na sua luta contra o comunismo, chavão de grande sucesso neste movimento ideológico, concluiu: "Compreenderam-no largamente os italianos ricos e pobres que enfileiraram nas hostes nacionalistas de Mussolini, tornando possível a salvação da mãe-Itália. Compreenderam-no agora os alemães onde desde os seus príncipes, os seus argentários e as suas classes médias e até aos seus operários, tudo está cumprindo o seu dever nesta duríssima batalha contra o dinheiro de Moscou". Mas ainda neste artigo há outra nota que deve ser sublinhada. Trata-se de uma concepção voluntarista de "Chefe", na qual se começam a adivinhar as críticas expressas ou subentendidas a Salazar, que depois ocorrerão e que tornaram Rolão Preto um opositorista de direita e mais tarde de "esquerda" (se assim se pode dizer), após a passagem do entusiasmo ultranacionalista e na hora do frentismo anti-salazarista dos anos 40 e SOI³⁶). Comentando uma fotografia reproduzida no periódico, na qual o filho do *Kaiser* apelava ao voto no partido nazi e em Hitler, dizia que assim acontecia "[...] sem se perder tempo nas discussões bizantinas de quem há-de ser o chefe pelos quartos de sangue que o seu nome representa, pelos títulos universitários que logrou arrancar às sebtentas, ou ainda pelo renome que lhe deu a chance das lutas políticas".

E o jornal *Revolução*, que se intitulava "diário nacionalista da tarde", continuava a esbanjar os seus elogios a Hitler e ao Nazismo — e até à sua política xenófoba⁽³⁷⁾ — ao longo dos seus números, pela pena de Rolão Preto ou dos seus colaboradores. Só para pôr termo a esta breve referência, citemos o artigo "Na hora do triunfo. Hitler", publicado em 1 de Fevereiro de 1933, no qual se pode ler: "No caminho dos destinos da Europa acaba de ouvir-se uma hora singular! Um dos grandes povos europeus sacode definitivamente

³⁶) Acerca das posições nacionais-sindicalistas e de Rolão Preto e da sua viragem política, bem como do conflito entre o Nacional-Sindicalismo e o Salazarismo, *vide* também João Medina, *Salazar e os Fascistas. Salazarismo e Nacional-Sindicalismo: a história de um conflito. 1932/1935*, Lisboa, Bertrand, 1978, *História Contemporânea de Portugal*, "Estado Novo", vol. I, Lisboa, Amigos do Livro, 1985, p. 75 ss., nomeadamente p. 91 ss., e *História de Portugal*, vol. XII, Lisboa, Edilivro, 1993, p. 190 ss.

⁽³⁷⁾ *Vide Revolução*, 29 de Outubro de 1932, "O programa do partido operário alemão nacional-socialista".

o seu pesadelo democrata, enquanto um novo César sobe triunfalmente as escadas do Capitólio³⁸). É afinal a ideia de uma Europa forte, nacionalista, autoritária e antidemocrática que se defende, contra uma Europa "fraca" e "trágica", de que tanto os nacionalistas de todos os matizes — inclusivamente Salazar — falaram.

De resto, esta esperança de uma Europa triunfal e optimista ecoa mesmo em nacionalistas mais moderados e ligados aos valores mais universalmente aceites, como o diplomata e jornalista Augusto de Castro, que, se não dirigiu a Hitler qualquer elogio, não deixou de apreciar Mussolini e seu significado imperial e romano³⁹). O certo é que uma onda de autoritarismo alastrava pela Europa e era favorável a uma radicalização da dicotomia nacionalismo/autoritarismo *versus* comunismo/democracia. Portugal, pequeno país europeu, mas senhor de um vasto império colonial e de uma imagem histórica constantemente enfatizada, sentia também o entusiasmo em participar nesta cruzada redentora, embora procurando hastear uma bandeira própria, a da "civilização cristã". Veja-se, por exemplo, um dos livros escritos nesta década de 30 sobre a Europa, da autoria do proprietário, jornalista e escritor António de Valladares, que se tornou um importante elemento regional e nacional do Salazarismo, apesar das suas convicções monárquicas⁴⁰).

(³⁸) No final de Janeiro-princípios de Fevereiro de 1933, coincidindo com a ascensão de Hitler a chanceler da Alemanha, há vários artigos que poderiam aqui ser referidos, nos quais se louva Hitler. Para além do que ficou citado, note-se: "Chegou a hora! Hitler, chanceler do Império" (30.1.1933) e "Filosofia da acção. A verdadeira lição de Hitler" (4.2.1933).

p³⁹) Vide em *Imagens da Europa vistas da minha janela*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1936, o capítulo "O destino imperial de Roma". Segundo a própria indicação do autor em nota de rodapé, "este artigo, primitivamente escrito em italiano e publicado num jornal de Roma, foi reproduzido em quase toda a imprensa italiana e, mais tarde, numa edição de um milhão de exemplares distribuídos pelas escolas e estabelecimentos oficiais e afixados nas ruas das principais cidades de Itália".

(⁴⁰) Vide António Canavarro de Valladares, *Europa actual*, Braga, Pax, 1937. Nessa obra, de cuidada edição, que tinha como subtítulo significativo "Ensaio sobre a crise da Civilização Cristã", Valladares (barão de Ribeira de Pena, que se tomou mais tarde, entre 1946 e 1953, seu Presidente da Câmara, e que foi, a partir de 1946, vice-presidente da União Nacional), numa ronda pelos países

O nacionalismo português tinha, pois, várias clivagens, várias cambiantes que Salazar assumiu e soube aproveitar e neutralizar, sempre que ultrapassavam certos limites, como aconteceu com Rolão Preto, que chegou a ser preso e, depois de um golpe falhado em 1935, passou praticamente à oposição e à clandestinidade. Esses nacionalismos eram sentidos sobretudo por militares, por jornalistas, mas também por professores e outros intelectuais. Em alguns é evidente a simpatia pelo regime nazi ou, pelo menos, por alguns dos seus valores culturais e políticos, noutros essa simpatia não transparece com evidência ou os excessos do Nazismo são vistos mesmo com apreensão. Alguns destes nacionalistas foram "homens de Salazar", mas também é certo que alguns deles tiveram de se adaptar ao pensamento e sobretudo à acção nacionalista e autoritarista do Estado Novo, verificando-se em certos casos um saneamento suave dos postos de poder que ocupavam. Mas, outros nunca lograram alcançar — ou eles próprios não quiseram — essa situação, embora o Estado Novo utilizasse os seus serviços. Aliás, se a questão das simpatias expressas destes nacionalistas em relação a Hitler e ao Nazismo ou a Mussolini e ao Fascismo se apresentavam, antes da guerra, no domínio dos princípios políticos e da sua aplicação na ordem interna, e não causavam grande embaraço ao Estado, com a guerra, se se manifestavam, tinham outro significado, pois Portugal procurou, na medida do possível, assumir uma posição formal e material de neutralidade.

Antes do conflito podiam, pois, aparecer claramente obras de elogio, directo ou indirecto, ao Nazismo. O próprio Estado e os seus aparelhos, por acção dos seus directores ou comissários — Secretariado de Propaganda Nacional, Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, Legião Portuguesa, Mocidade Portuguesa — deixavam-se penetrar por essa influência e, assim, era possível, sem grandes problemas, que figuras da *intelligentsia*, e até algumas com

da Europa, olha com simpatia para a Itália de Mussolini e com respeito para o "Império do *Reichführer*", terminando por equacionar o "dilema europeu": Cristianismo ou Revolução. Para ele, a "Revolução" inicia-se no Renascimento e na Reforma, continua com a Revolução Francesa e com o liberalismo e termina com o Comunismo, que é a forma revolucionária mais perfeita e que tem atrás de si a Maçonaria e a "Internacional ludaica". Daí que o dilema se precise: "Civilização Cristã ou Barbária Marxista". A terminar, fala da "missão de Portugal" nessa árdua tarefa de reconstrução da Europa cristã.

responsabilidades políticas, pudessem escrever elogios à Alemanha.

Por isso, se o jornalista Torres de Carvalho, no livro intitulado *Nazis* — que constitui um notável documento sobre a Alemanha dos anos 30, com curiosos comentários aos importantes acontecimentos que então ali se verificavam, e que constituíram marcos importantes da ascensão do Nazismo, e com entrevistas a alguns responsáveis máximos do governo nacional-socialista (Hess, Goebbels, Rosenberg, Ernst Rohm, Hans Frank) — manifesta um tom aparentemente desapassionado, em que mesmo se nota algum receio pelos excessos de alguns partidários de Hitler, não é de admirar que acabe por manifestar alguma admiração pelo *Führer* e que, no prefácio, o embaixador em Berlim, António da Costa Cabral, revele alguma compreensão por esses excessos, admitindo que eles acabarão por ser sanados⁽⁴¹⁾.

Só em termos de mentalidade e de reprodução ideológica pode invocar-se o significado de uma figura secundária da cena política portuguesa, o Tenente José Gonçalves Andrade, autor de um dos muitos livros sobre Salazar. Logo na "Explicação" da obra, apresenta-se como um militante anticomunista, louva-se do seu contacto com os nacionalistas espanhóis e com membros do partido nazi e transcreve, em versão portuguesa e em versão alemã, uma carta que escrevera a Hitler em que sugeria a fundação de uma "liga internacional anticomunista". E discretamente, sem querer estabelecer relações forçadas, noticiava, no entanto, que em Nuremberga, no congresso de 1936, o *Führerkanzler* proclamara a necessidade de uma organização desse tipo, renovando a ideia um ano depois. A carta era datada de 21 de Maio de 1936 e a obra publicada em louvor de Salazar, onde ela se encontra fac-similada, data de \937i*1).

⁽⁴¹⁾ Vide *Nazis. Aspectos cívicos e políticos da Alemanha*, Lisboa, Henrique Torres, 1933. No Prefácio, que se intitula "Palavras de verdade", diz o embaixador de Portugal na Alemanha: "A mocidade do *Führer* e dos seus sequazes, longe de se me afigurar perigosa, julgo-a favorável à instauração de um novo estado de coisas. Se xenofobia existe nas juventudes nacional-socialistas alemãs, esse excesso de patriotismo deve sanar-se mercê da clarividente actuação dos seus Chefes supremos, que apenas procuram o bem público pelos processos que a mentalidade germânica mais favoriza e que nós, latinos, repudiáramos e não compreendemos" (p. 7). Vide também, por exemplo, p. 85.

José Gonçalves de Andrade, Tenente, *O Doutor Oliveira Solazar. O seu*

Mas mais importante é, sem dúvida, a posição germanófila de Gustavo Cordeiro Ramos, pelo facto de ter sido ministro da Instrução Pública durante a Ditadura e os primeiros anos do Estado Novo⁴³), posição germanófila que de resto manteve no início da guerra. Numa obra publicada em 1934, constituída por lições proferidas na Academia das Ciências de Lisboa e intitulada *Alguns aspectos sobretudo literários do moderno Nacionalismo Alemão*, depois de passar em revisão as posições políticas de Moeller van den Bruck e Ernst Jünger, do filósofo da História Spengler e do literato e escritor político Winnig, e de escritores como Thomas Mann e Ernst von Salomon, este ex-ministro, professor da Faculdade de Letras de Lisboa, que frequentara a Universidade de Leipzig e era senador honorário da Universidade de Colónia e sócio correspondente da Academia das Ciências de Schiller, de Munique, rematava: "Do exposto, se pode concluir desde já que o movimento nacional-socialista, longe de ser inimigo da cultura, como tem sido acusado pelos seus detractores, assenta num sólido corpo de doutrina; a renovação no campo político estende-se ao domínio literário; a situação do homem de letras dignificou-se pelo seu sentimento profundo de solidariedade social, pela consciência da sua alta missão na vida do povo, estimulando-o nas suas virtudes, animando-o nos seus desalentos, desenvolvendo-lhe o amor da terra, da pátria, da família, da profissão, das virtudes da mulher, até mesmo o amor das plantas e dos animais; o espírito de economia, o horror do luxo, às exterioridades, etc. A linguagem tornou-se espontânea, simples. O livro deixou de ser mero objecto de exploração comercial, para se converter em instrumento de cultura elevada e moral sã⁴⁴). E terminava com este elogio, apesar de algumas reticências: "Deverão condenar-se os exageros de alguns dos seus corifeus, em matéria religiosa. O que não pode em boa verdade é deixar de afirmar que o povo alemão continua a ser *Das Volk der Dichter und Denker* e que a actual situação política da

tempo e a sua obra, Porto, Editora Educação Nacional, 1937. Ver, sobretudo, pp. 5-19.

(⁴³) Cordeiro Ramos foi ministro da Instrução Pública nos governos de José Vicente de Freitas (de 10.11.1928 a 7.7.1929), de Domingos de Oliveira (de 21.1.1930 a 5.7.1932) e de Oliveira Salazar (de 5.7.1932 a 24.7.1933).

(⁴⁴) *Ob. cit.*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1934 (as lições foram proferidas em 11 e 13 de Abril de 1934), pp. 130-132.

Alemanha soube conquistar em seu favor a inteligência e a mocidade, sustentáculos imprescindíveis de qualquer remodelação social profunda que sem eles está sujeita, se não for destruída por um embate, mais violento ou melhor organizado, a ser desfigurada pela acção de indivíduos sem fé, nem ideal, capazes de converter os chamados *Estados Novos* em estados velhos de ruim estofó⁴⁵⁾.

Talvez tivesse sido por essas posições germanófilas demasiado claras que Cordeiro Ramos esteve no ministério da Instrução Pública do primeiro governo do Estado Novo apenas uns escassos meses. E o seu sucessor, outro nacionalista integrado no movimento nacional-sindicalista, o catedrático de Coimbra Eusébio Tamagnini, que professava uma ciência antropológica de sentido nacionalista, acabou também por abandonar a pasta no início de 1936, pouco depois do *putsch* falhado de 10 de Setembro do ano anterior, em que activamente participaram alguns nacionais-sindicalistas⁴⁶⁾.

No entanto, Cordeiro Ramos continuou a servir o Salazarismo, justificando em 1937 o Estado Novo⁴⁷⁾, ou escrevendo em 1938 um prefácio para uma antologia de Salazar traduzida para alemão, com um curto texto de orientação (*Geleitwort*), escrito pelo * (*)

⁴⁵⁾ *Idem*, p. 134.

(*) Tamagnini foi ministro de Salazar de 23.10.1934 a 18.1.1936. Os seus estudos de Antropologia, de que era professor, são reveladores do interesse em estudar a "raça portuguesa". Mas é particularmente interessante a sua lição inaugural da Universidade de Coimbra, do ano lectivo de 1934-1935. Analisa ali a importância do estudo da população e refere-se às medidas eugénicas que vão sendo assumidas, nomeadamente na Alemanha. A propósito tem este curioso discurso: "O actual governo alemão decretou uma política administrativa francamente baseada e determinada por princípios eugénicos. 'A questão — como diz Paul Popenhoe — está posta em termos tais que nenhuma Nação, nenhum Povo, pode ignorar'. Podem discutir-se pormenores, pode discordar-se de certos processos, mas o que ninguém pode contestar é a seguinte afirmação do Hitler: 'Numa época em que as raças se estão intoxicando a si próprias, o Estado que devote os seus cuidados aos seus melhores elementos étnicos dominará um dia o Mundo'. Longe de nós ideias imperialistas: o que afirmamos é simplesmente a necessidade duma *revalorização nacional*. Que a Nação portuguesa seja eterna e os seus filhos valores mentais e morais dignos de respeito e consideração no conceito das nações cultas" (cf. *Revista da Faculdade de Ciências*, vol. V, n.º. 1, Coimbra, 1934, p. 28).

⁴⁷⁾ *Vide Os fundamentos éticos do Estado Novo*, Lisboa, 1937.

Dr. Goebbels⁴⁸⁾. Aliás, Gustavo Cordeiro Ramos manteve relações culturais com a Alemanha e procurou justificá-las, nomeadamente num artigo que escreveu para uma colectânea bilingue (em castelhano e em português) publicada em 1939 pelo *Ibero-Amerikanisches Institut*, de Berlim⁴⁹⁾, intitulada "Alemanha e o Mundo Ibero-Americano", que abria com vários textos de políticos sobre o *Reich*, arrumados numa parte intitulada "Seis años de la Alemania Nacionalsocialista", entre os quais um artigo de Goebbels, sobre o tema "El Führer"⁵⁰⁾. E nessa colectânea pode encontrar-se ainda um texto de um outro professor, da Universidade de Coimbra, Luís Cabral Moncada⁵¹⁾, que era também doutor *honoris causa* na *¹

⁴⁸⁾ Vide Oliveira Salazar, *Portugal. Das Werden eines neuen Staates. Reden und Dokumente*. Mit einem Vorwort von Prof. G. Cordeiro Ramos. Essen, Essener Verlagsanstalt, 1938. No pequeno texto de abertura de Goebbels, pode ler-se o seguinte pensamento, que foi traduzido do original alemão pelo Dr. António Ralha, a quem agradecemos: "A construção consciente dos objectivos de uma nação sob a chefia de um estadista notável desperta a adesão sincera do povo alemão unido no Nacional-Socialismo. Que este livro possa ser entendido neste sentido e possa contribuir para a compreensão amiga entre a Alemanha e Portugal". No Prefácio, Cordeiro Ramos procura explicar historicamente o Salazarismo, radicando-o inclusivamente no autoritarismo antibolchevista que existia em Portugal e considerando Sidónio Pais um antepassado desse espírito. Mas acima de tudo deve destacar-se o paralelismo que Cordeiro Ramos estabelece entre a situação germânica e a situação portuguesa, entre os dois "Chefes", Hitler e Salazar, que aparecem como condutores de povos que têm a sua própria história e procuram, cada um à sua maneira, construir o seu próprio destino.

⁴⁹⁾ Sobre a história do Instituto Ibero-Americano de Berlim *vide* o pequeno texto de síntese: Hans-Joachim Bock, *El Instituto Ibero-Americano. Su origen y desarrollo*, Berlim, Colloquium Verlag Berlin, 1964

⁵⁰⁾ Vide *Alemania y el Mundo Ibero-Americano/Alemanha e o Mundo Ibero-Americano*, Berlim, Ibero-Amerikanisches Institut, 1939. O artigo de Cordeiro Ramos intitula-se: "Tradição secular do intercâmbio germano-luso (Ligeiras anotações)", p. 123 ss.. Este artigo integra-se na II Parte "El Mundo Ibero-Americano — sus relaciones culturales y comerciales con Alemania". Na I Parte, dedicada ao tema "Seis años de la Alemania Nacionalsocialista", encontram-se, para além do artigo de Goebbels, já citado, artigos de Hans Frank, ministro da Justiça, de O. Menghin, ex-ministro da Instrução Pública, R. Ley, chefe da Frente Alemã do Trabalho, e de outros membros do aparelho de Estado.

⁵¹⁾ "A Filosofia do Direito em Portugal nos séculos XVIII e XIX", in *ob. cit.*, p. 95 ss.

Universidade de Heidelberg, que foi um dos mais eminentes investigadores portugueses de Filosofia e de História do Direito e que constitui um dos casos mais curiosos de germanófilo confesso.

Na verdade, Cabral Moneada não só se revelou como tal antes da guerra, em 1934-36, na qualidade de membro do Tribunal Internacional do Sarre, para o qual foi nomeado pela Sociedade das Nações, por proposta do governo de Salazar, onde defendeu a posse germânica daquela região⁽⁵²⁾, como também em pleno tempo do grande conflito. Nessa altura, em 1941, deslocou-se à Alemanha com os Professores Belezza dos Santos e Carlos Moreira, também da Universidade de Coimbra, e, segundo nos conta nas suas notáveis Memórias, de forma um pouco graciosa, participou, com a aquiescência de Salazar, embora este só aceitasse a sua presença a título particular, na reunião da Câmara Jurídica Internacional (*Internationale Rechtskammer*), presidida pelo ministro do *Reich* Hans Frank, que teria como finalidade discutir a nova ordem jurídica europeia⁽⁵³⁾. Aliás, nesse mesmo ano de 41, Moneada escrevia para o "Órgão do serviço de Intercâmbio Alemão", *Espírito do Tempo. Essência e Forma dos Povos* (*Geist der Zeit. Wesen und Gestalt der Völker*) um artigo subordinado ao tema "Portugal e o Espírito do Tempo" ("*Portugal und der Geist der Zeit*"⁽⁵⁴⁾). Não se pode dizer que, nesse artigo ou em qualquer outro que conheçamos, Cabral Moneada tenha manifestado a sua simpatia evidente pelo Nazismo. O que se verifica sim, numa densa linguagem filosófica, é o desejo de interligar o espírito nacionalista (anti-individualista) com o espírito universal. A sua concepção filosófico-política, ainda que passasse por uma certa solidariedade em relação à cultura germânica, não parecia confundir-se exactamente com concepções e, sobretudo, com as práticas nazis. De resto, numa conferência proferida poucos anos antes na Associação Académica de Coimbra e repetida depois em Lisboa, no Teatro Nacional, intitulada *O dever da hora presente*, Cabral Moneada repudiava não só o Liberalismo e a "Democracia puramente política" como o "Supra-Nacionalismo", defendendo sim a conjugação do Cristianismo, do "puro Nacionalismo" e da

⁽⁵²⁾ Cf. *Memórias ao longo de uma vida. Pessoas, factos, ideias*, Lisboa, Verbo, 1992, pp. 173-180.

⁽⁵³⁾ *Idem*, pp. 189-199.

⁽⁵⁴⁾ *Revista cit.*, Inhalt des November-Heftes 1941, pp. 605-616.

"Democracia social ou o Socialismo"⁽⁵⁵⁾. Não nos custa, pois, a entender que tenha sido autêntica a sua desilusão perante os exageros do Nazismo, que ele confessa nas sua Memórias, embora também não deixasse de criticar o que chama a "miserável justiça humana" do tribunal de Nuremberg⁽⁵⁶⁾.

Pode, portanto, dizer-se que Cabral Moneada corresponde ao que poderíamos chamar um germanófilo cultural, e mesmo político, *ma non troppo*, que foi servindo Salazar, com algum sentido crítico, nunca ocupando por isso qualquer pasta ministerial.

Como se depreende do que já dissemos, mesmo durante a guerra o Salazarismo não se afastou de todo das posições nazistas e muito menos das posições do Fascismo italiano. De resto, a neutralidade do Estado Novo não o permitiria ou não o aconselhava. Assim, conforme tem sido analisado por alguns historiadores, nomeadamente por António José Telo⁽⁵⁷⁾ e, muito recentemente, numa tese de mestrado, por Júlia Leitão de Barros⁽⁵⁸⁾, foi-se permitindo, obviamente com algumas reservas, a propaganda nazi e fascista, assim como a propaganda dos aliados, e a reprodução dos respectivos movimentos de opinião. Neste contexto, não só o Serviço de Informação da Legação Alemã em Lisboa, como o Gabinete de Imprensa da Real Legação de Itália na capital portuguesa, publicavam panfletos e pequenas obras em português (algumas outras foram publicadas sem nomeação do Editor)⁽⁵⁹⁾, como também se recorria aos periódicos portugueses (como era o

(⁵⁵) Cf. *O dever da hora presente*, Coimbra, Arménio Amado, 1937, sobretudo p. 56.

(⁵⁶) *Memórias*, pp. 199-201.

(⁵⁷) Para além da obra citada, veja-se sobretudo *Propaganda e guerra secreta em Portugal 1939-1945*, Lisboa, Perspectivas e Realidades, 1990. Ver também Maria Carrilho e outros, *Portugal na Segunda Guerra Mundial Contributos para uma reavaliação*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989. Nesta obra, veja-se particularmente o estudo de Júlia Leitão de Barros, "Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial", p. 91 ss.

(⁵⁸) *O fenómeno de opinião em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, dissertação de mestrado orientada pelo Prof. José Medeiros Ferreira, Universidade Nova de Lisboa, 1993.

(⁵⁹) Não deixa de ser interessante salientar aqui que a clássica obra historiográfica fascista sobre o Fascismo, o livro de Gioacchino Volpe, *História do movimento fascista*, tenha sido publicada em português (Novissima, Roma, 1941).

caso modelar do jornal *A Esfera*) ou a revistas editadas na Alemanha em versão portuguesa (o caso de *Sinal*), à propaganda negra promovida pelos serviços secretos e seus representantes em Portugal, ao cinema (sobretudo aos documentários da UFA), às montras de informação, à propaganda canalizada mais discretamente pelos organismos culturais, como os Institutos Alemães e Italianos⁽⁶⁰⁾ existentes nas faculdades de Letras, ou as Casas de Cultura Alemã, ou suas delegações, instaladas nas cidades mais desenvolvidas — Lisboa, Coimbra ou Porto — ou o Instituto de Cultura Italiana em Portugal, que publicava a revista *Estudos Italianos em Portugal*. No contexto das iniciativas culturais foi, por exemplo, muito importante a exposição sobre a "Moderna Arquitectura Alemã", realizada no Salão das Belas Artes em Lisboa, de 8 a 23 de Novembro de 1941. Por outro lado, as embaixadas portuguesas em Berlim e em Roma serviriam certamente também de órgão canalizador da propaganda. No caso da legação na Alemanha era embaixador Francisco José Nobre Guedes, que foi o primeiro comissário nacional da Mocidade Portuguesa e que manteve através desse cargo contactos privilegiados com as juventudes fascista e nazi⁽⁶¹⁾. Deverá estudar-se o trabalho desta legação. No entanto, não é despidendo o juízo de Costa Brochado, um dos "homens de Salazar", nas suas *Memórias*, que irónica e exageradamente disse dele que "era mais nazi que o próprio Hitler"⁽⁶²⁾.

⁽⁶⁰⁾ No Instituto de Estudos Alemães e no Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra encontram-se muitos folhetos de propaganda, cujo levantamento foi realizado pela D^{ra}. Heloisa de Jesus Paulo, a quem agradeço. Saliente-se que alguns professores alemães que então passaram pelas nossas universidades teriam ligações com o partido nacional-socialista, o que era até certo ponto natural, já que representavam o seu país num Estado de tendências autoritárias e também com um partido único. Estarão neste caso — segundo o testemunho de Cabral Moneada — Albin Beau e Joseph Piel (*Memórias*, pp. 205-206).

⁽⁶¹⁾ Vide sobre este tema F. J. Nobre Guedes, *Mocidade Portuguesa. Alguns discursos e escritos do I^o. Comissário Nacional. 1936-1940*, Lisboa, Edição da M.P., 1940. Foi realizado acerca dele um pequeno trabalho de fim de curso por Carla Isabel Barata Neves, *Nobre Guedes, I^o. Comissário da Mocidade Portuguesa. 1936-1940*, Coimbra, 1993.

⁽⁶²⁾ *Memórias de Costa Brochado*, Lisboa, Livraria Popular Francisco Franco, 3^a. ed. 1987, p. 142.

Em todo este contexto não é de admirar, portanto, que, no tempo da guerra, sobretudo depois da invasão da União Soviética e assim depois de Hitler ter rasgado o tratado secreto com Estaline — que para os nacionalistas constituía uma mancha negra na sua prática ou a prova do seu pragmatismo maquiavélico, que Salazar denunciara desde o início do seu consulado, com o objectivo de estabelecer uma fronteira moral entre o seu regime e os outros regimes autoritários — encontremos alguns textos portugueses de claro sentido germanófilo e mesmo pró-nazi. É exemplo disso não só a publicação em 1941, com o apoio alemão, pelo jornalista Eduardo Frias, nacional-sindicalista da primeira hora e membro destacado do núcleo de Faro, e depois colaborador de *A Esfera*, da colectânea *1000 pensamentos de Adolf Hitler*⁶³), como a obra *Nazis* do também jornalista Eduardo Metzner Leone, que inclusivamente viu apreendida a sua obra *O drama europeu* (1940) e que, "germanófilo 100%"⁶⁴) (como ele próprio se intitulava), esteve durante um ano na Alemanha a colaborar na *Kult-Rundfunk*. No fundo, Metzner Leone, para além do seu pró-nazismo — que curiosamente veio a renunciar, na obra *Na hora decisiva* —, assumia a posição de muitos que acreditavam que a vitória nazi não significaria o domínio imperial da Alemanha, mas sim a afirmação dos sistemas nacionalistas e autoritários em todo as nações. "A vitória da Revolução nazi — escrevia ele — terá como consequência uma série de casos nacionais paralelos a ela e não a germanização de outras nações"⁶⁵). (*)

(*) *Ob. cit.*, Lisboa, Edições Alma, 1941

(“) *Nazis (Dez meses na Alemanha em guerra)*, Lisboa, Livraria Portugal, 1941, p. UT].

(®) *Idem*, p. [19]. Metzner Leone confessava-se, porém, partidário de Salazar e entendia que não havia contradição entre essa posição e a sua simpatia pelo Nazismo. Escrevia claramente: "Sendo, como sou, de um modo geral, partidário da obra de Salazar, pois acredito que ela pretende ser, essencialmente, de revigoração nacional, e, por consequência, anti-democrática, anti-maçónica, anti-comunista, e anti-capitalista, creio estar coerentemente ao lado da Revolução Nazi, a qual, mercê da sua sinceridade e justiça doutrinárias, das qualidades excepcionais e do potencial formidável do povo em que foi realizada, é a única capaz de levar por diante, decisivamente e em grande escala, a sua cruzada em prol dos que trabalham e dos que produzem desapossando os inúteis e os palradores daquilo que não deve pertencer-lhes" (p. [18]).

Era este, de resto, o pensamento de um outro intelectual saído do Nacional-Sindicalismo, José Garcia Domingues, professor do Liceu de Faro e organizador ali do núcleo do movimento dirigido por Rolão Preto, e que veio a ocupar um lugar importante no aparelho da educação salazarista, tendo sido também conhecido pelos seus manuais de História, do último ciclo liceal, nos anos 50. Em 1942 publicou a obra *O Pensamento Alemão. Ensaio sobre o sentido da Alma Germânica e espírito da Nova Europa*. A teoria ali defendida é, pois, a tese, de grande fortuna desde os anos 20-30 na Itália e que sugeriu a realização de congressos⁽⁶⁶⁾ e a publicação de várias obras, de que o Fascismo e o Nazismo estavam a preparar uma grande alteração na estrutura política e social da Europa⁽⁶⁷⁾, no sentido da realização de "Novos Estados", assente na construção de um "Homem Novo": "O Nacional-Socialismo de Hitler marcha ao lado do fascismo de Mussolini — concluía Garcia Domingues —, o pai espiritual do Mundo Novo, o grande arauto da Revolução Europeia que, se hoje é alemã, nasceu na Itália, no Lácio, e triunfou inicialmente em Roma cujo glorioso passado histórico tanto pesa nos destinos da humanidade. Eis o que não podemos nem devemos esquecer, e Hitler certamente não o esquecerá. A marcha dos camisas negras sobre a Cidade Eterna foi o primeiro acto do vasto drama heroico a que estamos assistindo. Não admira pois que Fascismo e

(⁶⁶) Por exemplo, na Academia Real de Itália foi realizado um desses congressos, em Novembro de 1932, em que esteve presente Gonzague de Reynold. As actas desse congresso foram publicadas: Reale Accademia d'Italia, Fondazione A. Volta, *Atti dei convegni Convegno di scienze morali e storiche. 14-20 novembre 1932, XI. Tema: Europa*. Roma, Reale Accademia d'Italia, 1933. Em plena guerra o Istituto Nazionale di Cultura Fascista promoveu um congresso sobre "Idea dell' Europa".

(⁶⁷) Algumas obras defendiam o que se poderá chamar uma "Internacional Fascista", tendo como objectivo a formação de uma "Nova Europa", interpretação abusiva das ideias do carbonário italiano Mazzini. Registemos algumas obras italianas características deste movimento de ideias: Asvero Gravelli, *Difesa dell'Europa e funzione antieuropea del Fascismo*, Roma, Nuova Europa, 1932, *Europa con noi*, Roma, Nuova Europa, 1933, *Panfascismo*, Roma, Nuova Europa, 1935, *Verso l'Internazionale fascista*, Roma, Nuova Europa, 1932; Matteo Nardelli, *Fascismo, idea universale*, Trento, Editrice Trentino, 1936; *Nuova civiltà per Nuova Europa*, Roma, Unione Editoriale d'Italia, 1942; Joseph Wünsch, *Costruzione della Nuova Europa*, Firenze, Cya, 1941.

Nacional-Socialismo caminhem a par no sentido e na construção da Nova Europa⁶⁸).

Por vezes a germanofilia manifestava-se — no período tenso da guerra, propicio a criar posições antagónicas entre intelectuais e políticos — de forma um pouco indirecta e sob a capa da discussão científica. É o que sucede com a polémica entre José de Arruela e Alfredo Pimenta. Este responde àquele monárquico anglofilo, que escrevera contra o imperialismo colonialista alemão do final do século XIX até ao início da I Grande Guerra, com um opúsculo em que pretendia provar, com argumentos (segundo ele) de "Historia pura, rigorosamente objectiva", precisamente o contrário⁶⁹). Mas Pimenta, em Março de 1941, pouco depois de participar na discussão com Arruela, não deixa também desassombradamente — como o fizera com certeza em outras circunstâncias — de manifestar uma posição definida relativamente à II Guerra. Numa conferência então realizada em Braga, sobre os "Vencidos da Vida", aquele que virá a ser director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo aproveitou para marcar a sua posição, logo no início, numa introdução biográfica e de cariz político-cultural. Assim, interrogava-se: "Porque não podia eu dizer aqui o que tantas vezes tenho dito, e é expressão do meu pensamento, e traduz precisamente a substância das minhas aspirações, que desejo a derrota das Democracias, para que a Europa e o mundo, libertos do poder da Plutocracia judaica, encontrem um período de ordem fecunda, de progresso tranquilo, de trabalho pacífico e de prosperidade sã?"⁷⁰)

5. É tempo de voltarmos agora a Salazar e ao Salazarismo mais autêntico para, resumindo e completando o nosso raciocínio, encerrarmos este ensaio.

⁶⁸) *O Pensamento Alemão. Ensaio sobre o sentido da Alma Germânica e espírito da Nova Europa*, Lisboa, Sociedade Astória, 1942, p. 185.

⁶⁹) Cfr. José de Arruela, *A tragédia nacional. Alemanha e Portugal (Episódios históricos). Estudo sobre as relações diplomáticas e políticas da Alemanha com Portugal do século XIX a 1914*, Coimbra, Casa Minerva, 1940, e Alfredo Pimenta, *Para a história das relações entre Portugal e a Alemanha (1884-1917)*, Lisboa, Edição de Autor, 1941.

⁷⁰) *Mestres do pensamento*. Conferência realizada no Ateneu Comercial de Braga no dia 1 de Março de 1941. Braga, Ateneu Comercial de Braga, 1941, pp. 1-2.

Parece indubitável que, apesar das prevenções manifestadas por Salazar relativamente ao Fascismo e ao Nazismo, ele — que se considerava um anticomunista, um antiliberalista e um antidemocrata e que mergulhava o seu pensamento numa doutrina que entendia a Revolução Francesa como a semente de todos os erros políticos —, assim como muitos dos seus mais directos seguidores, mantiveram a expectativa relativamente ao desenvolvimento do conflito mundial. Hitler e Mussolini representavam (apesar da contradição episódica do Pacto Germano-Russo), pelo menos, uma luta aberta contra o comunismo e uma oposição às teses do liberalismo e da democracia burguesa e capitalista. As palavras são de João Ameal, um dos seus mais incondicionais colaboradores, que será, por assim dizer, o "historiador do regime". Num elucidativo opúsculo de 1938, *Construção do Novo Estado*, escrevia estas expressivas palavras relativamente ao significado da acção da Alemanha antes da guerra: "Hitler, pela sua reacção vigorosa e triunfal, soube levantar a barreira mais eficaz — barreira intransponível — à marcha para oeste da epidemia marxista. Título de glória suficiente para lhe render a justa gratidão de todos os povos do Ocidente em perigo"⁽⁷¹⁾.

Por sua vez, as "grandes democracias" — como o próprio Salazar refere ironicamente num discurso de 1940⁽⁷²⁾, escrevendo propositadamente o texto entre comas — consideravam (as palavras continuam a ser dele) "com muito pouca prudência", "muito pouca exactidão" e "fraca visão do futuro" que a guerra constituía uma "luta das democracias contra os Estados autoritários". Tal afirmação, e a realidade que supunha, não tinha em conta o comunismo que se encontrava por detrás dessas "democracias", não tinha em consideração a ideia de que as democracias correspondiam a uma fórmula política em vias de envelhecimento, nem tinha em atenção ainda que seriam os Estados fortes, autoritários, nacionalistas, corporativos, "cristãos", que corresponderiam às esperanças políticas do futuro. Por isso,

⁽⁷¹⁾ *Construção do Novo Estado*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1938, p. 42.

⁽⁷²⁾ "Tins e necessidade da propaganda política", discurso proferido na reunião das comissões da União Nacional de Lisboa, realizada na Sala do Conselho de Estado, na noite de 26 de Fevereiro de 1940, in *Discursos*, IE, p. 204.

considerava-se atingido também com o discurso anti-autoritário dos aliados. A sua expectativa é que viria a ocorrer — as palavras são de João Ameal⁷³⁾, mas poderiam igualmente ter sido empregues pelo próprio Salazar — uma "Revolução necessária", que faria erguer fórmulas políticas novas ("novos Estados" ou "Estados novos") em toda a Europa. São os anseios da "Nova Europa" que se manifestam em Salazar, nos salazaristas e naqueles que, defendendo ou aceitando o Fascismo ou o Nazismo, pensam numa Europa sem comunismo, mas também sem as velhas formas liberais e democráticas. Se a palavra "democracia" é ainda válida, ela deve ser empregue acompanhada de outro conceito — "democracia social", "democracia cristã" (a fórmula que fazia parte do órgão académico em que Salazar participara na sua juventude de Coimbra e de que foi dirigente e militante, Centro Académico de Democracia Cristã).

A velha Europa estaria a fazer o seu "testamento" — recorde-se o título da obra de Eduardo Freitas da Costa, escritor e jornalista, defensor da tradição e o do Estado autoritário, simpatizante do Fascismo e que ocupou lugares importantes no aparelho salazarista, *Testamento da Europa*, de 1942 — e dela surgiria uma "Nova Europa", em que Portugal teria um papel importante a desenvolver, como "paladino da civilização cristã"⁷⁴⁾.

O fim da guerra, com a vitória das forças democráticas, e da Rússia soviética, veio, porém, desfazer esta esperança. Em 45 ainda se fala dessa Europa, que terá de esconjurar os seus fantasmas, o fantasma do liberalismo, da democracia, do comunismo, do império da máquina, do racionalismo... Recorde-se o título da obra de João Ameal desse ano de 45 — *A Europa e os seus fantasmas*^{^)}. E Salazar, no fim da guerra, continuava desiludido. Então ele, bem como, (pode dizer-se), os salazaristas e "nacionalistas" de vários matizes, atacavam, já claramente, o totalitarismo fascista e nazi, mas continuavam a pensar que não se dera o salto em frente na política europeia. Ao contrário — as palavras são de Salazar — teria havido (*)

(*) *Ob. cit.*, p. 21 ss.

⁷⁴⁾ *Testamento da Europa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1942.

^) *A Europa e os seus Fantasmas*, Porto, Tavares Martins, 1945.

"um nítido recuo", "um retrocesso"⁽⁷⁶⁾. Isto é, o que considerava existir era a ameaça de uma Europa comunista que avançava sob a cobertura democrática. Daí o seu juízo trágico e o seu ultimato à Europa num discurso de 1946: "A vida tem surpresas de fazer pensar: quase toda a Europa se bateu e se arruinou por se opor à 'nova ordem' de concepção germânica; mas é sobre as suas ruínas ainda fumegantes que se vê alastrar a 'nova ordem comunista'. Ora esta é, por definição, exclusiva e inconciliável com o conceito de civilização de que se orgulham as outras hegemonias. A Europa tem de escolher"⁽⁷⁷⁾.

Eis por que essa desilusão o leva, em 1949, a aceitar a sua integração no Pacto do Atlântico, convencido que ele, e a poderosa presença americana, essa sim anticomunista, poderia resolver o problema da Europa ou do Ocidente. Então tem da Europa a visão triunfal e dramática que sempre tivera. Este texto de 49, integrado num discurso justificativo da presença de Portugal na NATO, é bem elucidativo:

"Não é, porém, preconceito racial a verificação de um facto histórico — qual a marcada superioridade do europeu, na tarefa civilizadora, entre todos os povos da Terra. Desta Europa gerada na dor das invasões, sacrificada em guerras intestinas, curtida no trabalho insano, revolvida a cada passo por avalanches de ideias e revoluções que se assemelham a furiosos temporais, descobridora, viageira, missionária, mãe das nações, desta Europa simultaneamente trágica e gloriosa ainda hoje se pode asseverar que mantém o primado da ciência e das artes, utiliza no mais alto grau os segredos da técnica, conserva o instinto de afinar as instituições

⁽⁷⁶⁾ São, na verdade, elucidativas estas palavras de Salazar proferidas em Outubro de 1945, em que fala do "vento da democracia" e da "gravidade das contradições e dos equívocos em que a Europa se debate": "Tara mim creio que o pensamento político europeu, no sentido da revisão objectiva, à luz da razão e da experiência, dos princípios que devem reger a organização e o governo das nações, acusa um nítido recuo, isto é, um retrocesso" ("Votar é um Grande Dever", discurso proferido numa das salas da biblioteca da Assembleia Nacional em 7 de Outubro de 1945, *Discursos*, IV, p. 175).

(D "Relevância do factor político e a solução portuguesa", discurso proferido na sessão inaugural da I Conferência da União Nacional, em 9 de Novembro de 1946, realizada no Liceu Filipa de Lencastre, in *Discursos*, IV, p. 234.

e de sublimar a cultura e é detentora de incomparável experiência política. Não esqueçamos o que se deve a outros em criação artística, esplendor literário, subtileza de filosofias aqui e além criadas e desenvolvidas; mas só da Europa se pode afirmar que criou, sob inspiração cristã, valores universais, generosamente, gratuitamente, postos ao dispor do Mundo, na sua ânsia de transplantar civilização. Cada um de nós deveria sentir o orgulho de se afirmar europeu.

Seria no entanto desrazoável fechar os olhos à crise da Europa no presente momento; devastada, empobrecida, dividida, moralmente desfeita, corroída pelo desânimo, a braços com uma perigosa desorientação mental e o claro declinar das virtudes em que se formou, muitos perguntam se não são estes sintomas da decadência e se esta não será definitiva \ *finis Europae*"⁽⁷⁸⁾.

E, como conclusão lógica: "A Europa não pode sem o auxílio americano salvar nesta hora o que resta do seu património moral e da sua liberdade; a América sai contrariada do isolamento, filho da suficiência, para, protegendo-se a si própria, socorrer e apoiar a Europa Ocidental, guarda avançada da sua segurança. Ninguém pode querer nem a morte do velho continente europeu nem a sua abdicação. O problema que está posto é se ele dispõe, com a África, de reservas materiais e morais que lhe permitam recobrar forças para prosseguir o seu papel histórico⁽⁷⁹⁾).

Ver-se-á, através do desenrolar da história, que se o comunismo acabou, depois de uma longa "guerra fria", por ser profundamente ferido e se a Alemanha com essa derrota logrou a sua reconstituição — reconstituição que Salazar desejava e que o levava, mesmo em 1960, a lamentar a "capitulação incondicional do *III Reich*" e a sua divisão, quebrando, assim a "barreira quase intransponível" contra a "pressão eslava"⁽⁸⁰⁾ —, a "Europa" que se construiu ou que, com dificuldades, se está a tentar construir, não é a "Europa Atlântica", entendida como vago património espiritual, mas uma Europa que mergulha as suas raízes simultaneamente em pragmáticos interesses económicos e no ideal político dos Estados Unidos da Europa, que Salazar repudiava. Mas, acima de tudo, morreu a esperança de manter a África colonizada como

(78) "Portugal no Pacto do Atlântico", discurso proferido na sala de sessões da Assembleia Nacional, em 25 de Julho de 1949, *Discursos*, IV, pp. 419-420.

C⁷⁹⁾ *Idem*, pp. 420-421.

(^{ae}) Entrevista cit. a *Le Figaro*, in *Discursos*, VI, p. 6.

prolongamento da Europa, projecto que os próprios Estados Unidos começaram a abandonar nos anos 60. E destruiu-se também a ideia de Salazar de que a Europa e talvez o mundo deveriam encontrar um novo caminho político assente em princípios diferentes dos ideais da democracia política.

Portugal de Salazar, e a Espanha de Franco, corresponderam às últimas sobrevivências dos estados autoritários, corporativos, conservadores, contra-revolucionários (ainda que o Salazarismo, sobretudo no seu início, hasteasse, como o Fascismo italiano e o Nazismo alemão, a bandeira da "revolução nacional" ou nacionalista) que acreditaram na formação de uma "nova", ou "velha", Europa. Poder-se-á chamar "fascismo" ao Salazarismo? Só responderemos de uma maneira simples, porque prometemos não entrar na discussão do problema, nem procurámos analisar aqui as estruturas do Estado Novo para o pôr directamente em questão, nem mesmo pretendemos fazer um balanço teórico da aporia, como recentemente foi feito. Pela nossa parte — que consideramos legítima a utilização deste conceito operatório na linguagem historiográfica, como entendemos ser aceitável o emprego de outros conceitos abrangentes, tão ou mais discutíveis do que este, tais como Feudalismo ou Iluminismo, Idade Média ou Renascimento — utilizamo-lo sem preconceitos. Porque o havíamos de ter se já nos anos 30 se apelidava de "fascista" o regime de Salazar e se, como vimos, o Salazarismo participou numa onda de "internacional fascismo" que acompanhou a formação e a vitória efémera dos Estados autoritários?

O Estado Novo é uma formação política original? Obviamente que o é, como todas as outras formações políticas o são. Mas não conterà elementos que deram força e significado ao conceito abrangente — ideológico mas também científico — de "Fascismo"? O certo é que Salazar sonhou um dia com uma Europa semeada de estados autoritários — chamarmos ou não "fascista" a esta esperança é também de somenos importância. O certo é que ela existiu. São as palavras de Salazar e dos salazaristas que o dizem, mesmo que queiram afastar o Estado Novo, sobretudo depois da guerra, da marca totalitária do Fascismo e do Nazismo. Assim o dizia o salazarista Costa Brochado nas suas Memórias, escritas já nos anos 80:

"Nada de confusões! Salazar nunca foi fascista, muito menos nazi. Como a Igreja serviu-se da Itália e da Alemanha; mas, na hora

das grandes decisões, a Igreja não hesitou e Salazar enganou-se supondo que o Mundo, com medo do comunismo, se ficaria, depois da guerra, por regimes autoritários, como ele os sonhara e defendia"⁽⁸¹⁾.

^(w) *Memórias*, p. 200.